

LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS DO MULTILETRAMENTO

Cláudio Henrique Costa Bueno (IC) ¹, claudiojaimim@gmail.com*
Debora Cristina Santos e Silva (PQ) ²

1 Pesquisador e bolsista BIC/UEG. Graduando do curso de Letras do CCSEH/UEG. Atuante nos grupos de pesquisa TDLE e ARGUS-Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

2- Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

Resumo: Este artigo apresenta os resultados finais da pesquisa realizada no subprojeto de Iniciação Científica, por meio de oficinas de Língua Portuguesa, pela qual foram feitos estudos sobre o andamento das produções textuais de alunos do Ensino Médio em escolas-campo do município de Anápolis-GO. As escolas selecionadas foram o *SESI/Jaiara* e o *Centro de Ensino de Jovens e Adultos – EJA - Elias Chadud*. O foco deste artigo está nas oficinas do *Centro de Ensino de Jovens e Adultos Elias Chadud*, onde foram desenvolvidas atividades pedagógicas sobre Letramento e Escrita Criativa com os alunos do III ciclo da 3ª etapa (Ensino Médio). O objetivo das oficinas foi desenvolver o trabalho de construção estética de gêneros discursivos na produção de textos poéticos, do editorial, da carta do leitor e da crônica. Os resultados apontam para a necessidade de se fazer um trabalho de escrita criativa com alunos da Escola Básica, com o fim de despertar o gosto pela leitura e produção textual.

Palavras-chave: Cibercultura. Escrita Criativa. Gêneros textuais.

Introdução

O multiletramento está constantemente presente no dia, a dia e que na maioria das vezes nós como a postura de professores de Língua Portuguesa deixamos passar despercebida a estética do texto, quando lecionamos ou trabalhamos com produções textuais em sala de aula, ou seja, o que a produção textual apresenta por trás da escrita, como as múltiplas interpretações, a escrita criativa e o desenvolvimento de produções textuais de língua portuguesa. Sendo assim, esses questionamentos nos levaram a problematizar a questão do ensino de língua materna e colocar em prática as oficinas de escrita criativa em aulas de

Língua Portuguesa.

O projeto executado teve como objetivo verificar o nível das produções de textos dos alunos do *Centro de Ensino de Jovens e Adultos Elias Chadud*, chamados EJA, como conhecidos nas escolas-campo de ensino. O foco deste projeto estava em mostrar as diversas maneiras de trabalhar os gêneros textuais em uma aula de Língua Portuguesa, a exemplo de poemas, crônicas e dos textos dissertativo-argumentativos (editorial, carta do leitor...) nos quais a maioria dos alunos apresenta grande dificuldade no processo de escrita.

Efetivamente, na escola, por meio de todas as suas possibilidades de interlocução, o aluno experimenta um processo de ensino-aprendizagem sistematizado, mas que não pode ser engessado, visto que os envolvidos são sujeitos que se constroem em aspectos sociais, políticos e culturais. O ensino de língua portuguesa, também necessário a essa informação do indivíduo, não pode ser visto apenas como ensino de regras gramaticais, leituras e escritas existentes somente na escola, uma vez que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a língua”. (BAKTHIN, 2000.p. 279).

Desta forma, tivemos como objeto de estudo, o nosso projeto prático das oficinas de Língua Portuguesa, realizadas em escolas de EJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), no qual dinamizamos o processo de escrita criativa nas escolas-campo, utilizando o trabalho de textos argumentativos, crônicas e poemas, a fim de que os alunos tenham um pouco desta percepção dos diferentes gêneros textuais que podem ser trabalhados na sala de aula durante uma aula de língua portuguesa.

Além de analisar o nível do letramento nas aulas de língua portuguesa e verificar o andamento do grau de leitura e escrita dos alunos das redes de escolas públicas, em relação às aulas de Literatura e Língua Portuguesa, podemos dizer que temos como objetivo também o trabalho de forma crítica e reflexiva do aluno, visando o seu comportamento e o seu nível de interação com a leitura e a escrita. Sendo assim, podemos dizer que “ler está muito além do reconhecimento de palavras, da decodificação e da atribuição de significados, pois ler é produzir sentido” (FREITAS, 2012); é nortear-se no mundo pela apropriação das linguagens que este mundo nos apresenta em forma verbal ou não verbal. Portanto, lemos

livros, jornais e revistas; mas lemos também obras de arte; lemos placas de trânsito; cifras musicais; fotografias; as expressões faciais e corporais de nossos interlocutores; lemos imagens multimidiáticas etc.

Contudo, sabemos que o contexto das salas de aula é permeado por “textos”, o que, de acordo com Marcuschi (2008), é prática comum nas escolas, além de ser orientação central dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O autor destaca que apesar de tal constatação, o que se vê muitas vezes são textos distantes da realidade cultural dos alunos, com foco exclusivo em questões gramaticais e com rasas questões de compreensão para alavancar e desenvolver o nível crítico dos estudantes. Não que textos com informações diversas e novas ao alunado não precisem fazer parte das aulas, mas a se começar leituras desse tipo é preciso que seja dado o aparato suficiente para que o aluno não se sinta deslocado numa situação de desconhecimento do que está sendo lido. É leitura superficial e sem compreensão e, menos ainda, sem interesse motivador da aprendizagem a que se destina seu uso. O trabalho com textos deve ir muito além do ato de levar textos e gêneros discursivos variados para a sala de aula na tentativa de chamar a atenção dos alunos ou de ter uma aula diferente. Se ao ler tais textos e conhecer os gêneros não houver nenhuma interação diferenciada ou se, em seguida, forem propostas questões de compreensão textual somente para que os alunos respondam, oralmente ou escrevendo no caderno, o ensino da língua não alcançará seu objetivo.

De acordo com Vigotsky (2007, p. 34), “o uso dos signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura”. Tomemos por referência esse postulado vigotskiano para compreender as interferências negativas que textos desconexos e trabalhados equivocadamente ou distantes da realidade dos alunos podem ter em sua formação leitora e escritora. O próprio cientista nos alerta que os estímulos externos ou signos, nesse caso os textos e também os gêneros, quando “colocados” para o aluno, só trarão resultados efetivos em seu comportamento se o aluno estiver engajado no estabelecimento de um elo de conexão. Como é que o aluno constituirá este elo se o signo que lhe é apresentado está deslocado daquilo que é de seu interesse; daquilo que lhe fará ter uma resposta? O elo não agirá sobre o aluno, o que o impedirá de controlar seu próprio comportamento em relação ao signo que lhe está sendo

apresentado. Ao passo que se o texto for significativo, conseguir estabelecer um elo com o aluno, a partir da forma como esse signo lhe for apresentado, criará formas de processos psicológicos que se enraizarão em sua cultura, ou seja, passarão a fazer parte do sujeito como construto e não mais como aquilo que simplesmente passa e não é registrado como relevante.

Um fato comum na escola é ouvir alunos comentando com os colegas os acontecimentos reais do cenário sociopolítico; cenas de filmes e seriados; situações e fases de jogos eletrônicos; conflitos romances juvenis; e poucas vezes esse contexto é explorado em sala de aula. Para os jovens, tais assuntos são extremamente relevantes e, portanto, é rico material para o professor ensinar e o aluno realmente tornar o aprendizado significativo. Jornais, revistas, romances, jogos eletrônicos e vídeos são alguns dos recursos midiáticos que podem fazer parte da prática pedagógica do professor a depender do seu planejamento e em conformidade com os objetivos delineados. Diante de tal contexto, [...] estudar as imagens, os processos de produção de materiais audiovisuais, as diferentes formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos, jogos eletrônicos, corresponderia, a meu ver, a práticas eminentemente pedagógicas e indispensáveis ao professor que atua nestes tempos (FISCHER, 2007, p. 296).

Sendo assim, a multiplicidade de gêneros discursivos no ambiente escolar traz, portanto, condições essenciais para a processabilidade cognitiva e discursiva do texto, visto que este é a unidade máxima de funcionamento da língua (MARCUSCHI, 2008). Portanto, reside no espaço social de diversidade comunicativa contemporânea o papel da escola para a formação do leitor e escritor adequada a alunos que podem interagir com pessoas, com textos e mídias diversas (COSTA, 2006) em ambientes e gêneros multimodais, visando os diferentes níveis e perspectivas de letramento na área de língua portuguesa.

Além disso, diante do “novo” e “multi” mundo que se configura, trabalhar com elementos culturais é uma maneira de a escola lidar produtivamente com a questão da educação. O uso das artes se justifica como uma ferramenta, para a construção de pontes entre pessoas de diferentes países, culturas, classes e grupos étnicos, gêneros e posições de poder uma vez que estas habilidades são formas de comunicação na diversidade e um instrumento de reconstrução social.

Material e Métodos

No primeiro semestre (2015/2), foi realizada uma pesquisa preliminar para levantamento bibliográfico, em bancos de dados, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes que contemplam o objeto de estudo, no intuito de verificar o estado de arte da temática. Em seguida, foram realizados encontros semanais de discussão teórica conjuntamente com a coordenadora do projeto, fichando-se os resultados das discussões e das leituras. Tais fichamentos têm sido utilizados para a produção de artigos teóricos (alguns já publicados em eventos), além de ampliar a compreensão dos textos e a divulgação do projeto, fortalecendo o debate e consolidando o conhecimento adquirido.

Neste último semestre (2016/1), já na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas oficinas de capacitação de leitura e de escrita criativa, que promovessem o letramento literário e a recepção de poesia em meio digital, tendo como público alvo estudantes da rede pública estadual, no Município de Anápolis-GO. A investigação foi desenvolvida por meio da pesquisa qualitativa, de caráter interpretativista. A coleta de dados aconteceu em três etapas, sendo que, na fase inicial, a investigação teve o caráter predominantemente documental e argumentativo, uma vez que os momentos culminantes foram às análises das metodologias para o ensino da leitura e escrita, bem como os desafios para o alcance do multiletramento dos alunos. Em seguida, foram realizados os procedimentos nas escolas-campo por meio das oficinas, planejadas e executadas pelosicineiros do GP ARGUS.

Resultados e Discussão

As oficinas contaram com recursos e materiais específicos, de acordo com cada temática que foi trabalhada. Nas oficinas de poemas com os alunos do 1º anos, trabalhamos a intertextualidade da letra de música de Gabriel, o Pensador, “Linhas Tortas”, e discutimos como o poema pode ser encontrado em diversos setores do nosso cotidiano. Nas oficinas de crônicas, trabalhamos produções e debates de crônicas com as turmas do 2º ano, de uma maneira dinâmica e criativa. E com os

alunos que estavam no último período, 3º ano, trabalhamos o texto argumentativo em sala de aula, levando revistas (Veja, Nova Escola, Isto é, Carta Capital) e mostrando a importância da Carta do leitor e do gênero Editorial, no cotidiano das práticas sociais de leitura e escrita. Na sequência, os alunos puderam produzir um texto de natureza dissertativa. Alguns alunos leram suas produções ao final para toda a turma.

Além disso, promovemos discussões das produções de poetas como Mario de Andrade, Frida Kahlo e Antero de Quental, cronistas como Érico Veríssimo e Fernando Sabino, os quais foram integrados no desenvolvimento das produções dos alunos. Logo em seguida, foram aplicadas dinâmicas de interação dos alunos, pelas quais estes podiam dialogar com os textos e as produções durante as aulas. Sendo assim, percebemos como pesquisadores a importância de uma boa organização metodológica para um bom andamento do projeto de pesquisa. As oficinas foram executadas e trabalhadas de acordo com o andamento das discussões dos textos teóricos e reuniões do Grupo de Pesquisa Argus.

Acreditamos que essas oficinas de escrita criativa nos auxiliaram muito para ter uma nova percepção quanto a nós, professores de Língua Portuguesa e pesquisadores da linguagem, de como é importante estarmos sempre atentos à forma como o gênero textual é trabalhado em sala de aula, pois como afirma Chartier (1998) não é adequado simplesmente transpor o conceito de letramento digital, mas cria-se a necessidade de promover novas aprendizagens, embora algumas características se mantenham. Não basta apenas conhecer e dominar as características formais do gênero, mas também é preciso observar o meio em que o gênero está inserido e qual o determinado suporte a ser utilizado em determinada situação de uma concreta prática social de escrita.

As oficinas foram realizadas com o sucesso que esperávamos e os participantes das oficinas interagiam de uma maneira bem atrativa, uma vez que todos executaram as atividades propostas. Além disso, conseguimos constatar a percepção das diferentes maneiras com que os gêneros textuais podem ser trabalhados dentro de uma sala de aula. Assim, pudemos constatar que trabalhar os gêneros textuais de uma forma letrada e contextualizada, utilizando textos diversos, debates, diferentes mídias e linguagens podem enriquecer muito mais a aprendizagem do aluno.

Na realização das oficinas, foi interessante verificar o nível de letramento e o grau de leitura e escrita dos alunos das redes sociais públicas em relação às aulas de Literatura e Língua Portuguesa, pois sabemos que muitos professores atuantes em escolas de Ensino Básico não possuem a percepção da importância do letramento e de como o texto pode ser visto em sala de aula, de uma maneira estética, fazendo uma análise mais aprofundada sobre o que foi ou está sendo visto no texto. Percebemos que apesar de tal constatação, o que se vê são textos geralmente distantes da realidade cotidiana dos alunos.

Segue agora uma descrição das oficinas apresentadas nas escolas de ensino público de jovens e adultos e como que foi importante esse desenvolvimento da aprendizagem por meio dos nossos objetos e estudos de pesquisa.

Oficina 1 - Sarau de Poesia

Na primeira oficina do dia 16/05/2016, foram reunidas as turmas “1º D e 1º E”, o que deu um total de 20 alunos aproximadamente. Osicineiros já estavam em sala que foi previamente decorada com imagens aleatórias em barbante, alguns enfeites de papel crepom e um cartaz escrito “Sarau de Poesia”. Iniciamos, apresentando-nos e apresentando os outros professores e os pesquisadores do grupo.

Em seguida um dosicineiros declamou a poesia “Não me importo com as rimas” de Alberto Caeiro como se fosse uma súplica romântica e em seguida fomos explicando que a música, a pintura e outras manifestações, não são só artísticas como também poéticas. A música “Linhas Tortas”, de Gabriel, o Pensador, foi tocada e logo após teve uma pequena discussão sobre ela. No decorrer, pedimos que os alunos se levantassem e andassem pela sala, observando os objetos e imagens a fim de produzirem um poema, desenho, qualquer coisa que exalasse poesia. Alguns produziram e entregaram rápido e logo veio o intervalo. Quando este prazo acabou, os alunos continuaram entregando seus poemas e alguns deles foram lidos. Por fim, leu-se o poema “Poética”, de Manuel Bandeira, reforçando que a poesia está dentro de cada um, ou seja, não é tão inalcançável quanto se pensa.

Figura 1 - Oficina de Escrita Criativa – discussão antes da produção textual



Fonte: Arquivos do pesquisador

É nessa linha de pesquisa que podemos observar o papel fundamental do professor que, como mediador, desenvolve habilidades e conhecimentos e interage com a turma, visando à compreensão das múltiplas interpretações do texto para desenvolvimento da leitura e da escrita em sala de aula.

Oficina 2 – Produzindo uma crônica

A oficina do dia 16/05/2016 realizada com o 2º ano do ensino médio de EJA, na sala 13 teve um total aproximado de 20 alunos. A turma era um pouco mais velha que a anterior e o professor que deveria ministrar a aula daquele dia acompanhou as oficinas. O grupo se apresentou à turma e logo depois introduziu os outros professores e pesquisadores presentes ali também. Uma das pesquisadoras presentes foi quem coordenou a oficina: apresentou-se e perguntou o que era “crônica”. Disse qual era o objetivo da oficina e, quando todos já tinham o texto “A última crônica” de Fernando Sabino em mãos, ela pediu que os alunos lessem cada um lendo um parágrafo. Depois disso, pediu que os alunos se levantassem e andassem pela sala, procurando uma imagem que eles mais se identificassem. Assim que os discentes se sentaram, pediu que eles fechassem os olhos e dissessem uma palavra que definisse o sentimento que aquela imagem trouxe para eles.

Figura 2- Realização da oficina de escrita criativa



Fontes do Pesquisador

Depois dessa dinâmica foi pedido a produção de uma crônica e eles, assim que entregavam, foram discutindo o texto com os pesquisadores. A oficina terminou por volta das 21h15min e todos os alunos foram se despedindo do grupo de pesquisa.

Oficina 3 - Parágrafo argumentativo

Realizada na sala 04, a oficina destinada aos 3º e 4º anos do Ensino de EJA teve como propósito ensinar a estrutura e a função de um texto argumentativo. Em um ambiente previamente decorado com enfeites de papel crepom, cordão com fotos do cotidiano e outros, os alunos do “3º ano D e 3º E”, ao mesmo tempo, participaram da oficina. Os professores entregaram revistas diversas e os alunos escolheram uma reportagem para comentar e escrever um parágrafo argumentativo sobre a reportagem selecionada. A turma do terceiro ano estava mais agitada que todas as outras e também a mais cheia. Para dar início a atividade, foi feita uma dinâmica, utilizando a brincadeira do “telefone sem fio”. Oicineiro explicou qual era o objetivo das oficinas e fez a dinâmica de olhar as imagens que estavam espalhadas pelas paredes das salas. A turma se levantou e andou pela sala

observando as imagens. Depois que todos estavam em seus lugares, pediu que fechassem seus olhos e dissessem uma palavra que representasse o sentimento que aquela imagem lhes trazia. Após esse momento de relaxamento, as revistas foram entregues e aicineira pediu que cada um produzisse um parágrafo argumentativo sobre a reportagem escolhida, explicando o que seria um parágrafo argumentativo. A produção foi supervisionada e auxiliada por todos os icineiros e, depois do intervalo, esses agradeceram pela participação da oficina, chamando assim as próximas turmas para participar dela.

Após a saída dos alunos do terceiro ano, foram chamados os alunos do quarto ano. Em menor quantidade que a turma anterior, os alunos tinham uma faixa etária maior. O professor icineiro começou a atividade, apresentando-se e fazendo a introdução dos outras colegas. Após isso, ele deu a palavra outra icineira que explicou a estrutura de um texto argumentativo. Nesse ponto os alunos foram bem participativos e sabiam até mais que o esperado sobre a modalidade. Assim a seguir, pedimos aos alunos que se levantassem e olhassem as imagens ao redor, escolhendo aquela com a qual mais se identificassem. Então foi feita a dinâmica de refletir sobre o sentimento trazido naquela imagem e resumir em uma só palavra, dita em voz alta. Depois desse momento de reflexão e relaxamento, foi pedido aos alunos que fizessem um parágrafo argumentativo sobre qualquer reportagem das revistas entregues.

Quem explicou a atividade foi à professora Orientadora e os alunos não pareceram ter muita dificuldade para entender o que era para ser feito. Seguiu-se então a atividade orientada e alguns alunos apenas entregaram a atividade, mas outros a leram. Houve o intervalo e mesmo nele os professores continuaram tirando dúvida dos alunos. Depois que o intervalo acabou os discentes retornaram e os professores agradeceram sua participação, além de lerem alguns parágrafos realizados. A oficina terminou por volta das 22:00 horas.

Figura 3 - Oficina de Escrita Criativa, dinâmica com os alunos



Fonte do pesquisador

Sendo assim por meio destas experiências práticas em sala de aula, podemos dizer como a metodologia do nosso projeto de pesquisa foi desenvolvida. Além de tudo, é fundamental a percepção dessa relação de um letramento crítico em sala de aula, pois há uma vinculação entre as práticas, os tipos de interação verbal e o gênero em sala de aula. Como reafirmaram Marcuschi e Rojo, já citados, não há como fazer uma relação de aprendizagem sem a interligação dos gêneros como prática sociais, pois a vivência com o texto é desenvolvida nas diversas esferas de comunicações na sociedade.

Efetivamente, nessas oficinas, percebemos que uma educação estética não se constrói apenas visando à estrutura de um texto, pois as percepções de análises, contextualizações poéticas, múltiplas interpretações e processos de escrita criativa criaram nos alunos um sentimento de que não apenas autores e escritores podem escrever textos literários, mas eles também podem, quando se promovem ações de incentivo às práticas de multiletramento em sala de aula. Afinal de contas pensar o papel da escola no mundo globalizado e por que não dizer, digitalizado e multifacetado, tornou-se imprescindível. Muito se tem refletido sobre a questão da educação e sobre qual passaria a ser, de fato, sua função, e essa interação da escrita criativa em sala de aula por meio de oficinas práticas enriqueceu muito a nossa visão de professores, pesquisadores e educadores de como a língua portuguesa deve ser tratada em sala de aula.

Considerações Finais

Ao finalizar nossas reflexões, percebemos que durante o processo de pesquisa, principalmente nas oficinas, conseguimos despertar o interesse e instigar um pouco os alunos sobre as diferentes formas de executar produções textuais, trabalhando os diversos gêneros da língua portuguesa na sala de aula. A turma contribuiu muito com questionamentos e perguntas; houve tanto o interesse dos pesquisadores quanto dos alunos para que os projetos fossem realizados com sucesso na escola campo de estágio. Durante as oficinas, os alunos do *Centro de Ensino de Jovens e Adultos Elias Chadud* tiveram uma excelente participação e se sentiram bem à vontade na realização dos exercícios e atividades propostas pela professora orientadora e os colegas pesquisadores

Além de participação nas dinâmicas, os alunos realizaram excelentes produções textuais como poemas e trechos de textos argumentativos. Tivemos a participação especial da professora orientadora, professora Dra Débora Silva e da mestranda colaboradora Bruna Gabriela, como dinamizadora das oficinas ministrada pelosicineiros Lavínia Prado e Claudio Bueno.

Os pesquisadores ficaram satisfeitos com a realização das oficinas e com esta troca de múltiplos conhecimentos e interação com os alunos. Os trabalhos foram bem executados e foram desenvolvidos conforme o planejado, sem contratempos. Em relação aos alunos, estes se sentiram bem à vontade com ambiente decorado com cartolinas, folhas de EVA, cartazes e papel crepom metalizado. Expressaram muito bem as opiniões nos debates realizados na oficina.

Além disso, como pesquisadores, é fundamental estarmos sempre trabalhando com a pesquisa em sala de aula e mostrando as diferentes formas de se trabalhar com a estética textual, ou seja, que o texto pode ser modificado e metaforizado. Afinal, ele interage de diversas formas, de acordo com o contexto que é abordado, seja por meio de uma crônica, de um poema ou apenas de um parágrafo argumentativo. Para isso, é sempre importante termos a visão sobre o que está além do escrito, ou seja, além do texto.

Quanto a nossa visão como professores de Língua Portuguesa e Literatura, percebemos que este projeto nos despertou um olhar diferenciado sobre a escrita criativa e o trabalho com múltiplos gêneros em na sala de aula.

Percebemos, ainda, o quanto é importante para nós, professores e pesquisadores, termos essa visão crítica das diversas produções textuais como os

editoriais, as cartas do leitor, as crônicas, entre as tantas modalidades de gêneros textuais que debatemos dentro de uma sala de aula quando lecionamos Língua Portuguesa.

Obtivemos também um grande enriquecimento profissional e desenvolvimento de habilidades de pesquisas realizadas, juntamente com os demais colegas pesquisadores do grupo Argus, no qual o trabalho em equipe, as discussões teóricas e as realizações das atividades dentro do prazo estabelecido do projeto foram de extrema importância para o enriquecimento desta pesquisa.

Agradecimentos

Agradecemos aos colegas pesquisadores do GP Argus pelo desenvolvimento do projeto. A Pró-Reitora de Pesquisa da UEG pelo patrocínio da bolsa BIC-UEG e ao Centro de Ensino de Jovens e Adultos Elias Chadud pelo espaço cedido para o desenvolvimento da pesquisa realizada.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARTIER, *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto. 1998.
- COSTA, S. R. *Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet*. In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREITAS, V. A. L. *Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora*. In: BORTONI-
RICARDO, S. M. et al. (Orgs.). *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.
- FISCHER, R. M. B. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 12, n.35, maio/agosto 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.



III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG
Inovação: Inclusão Social e Direitos
19 a 21 de outubro de 2016
Pirenópolis - Goiás

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.